



Dois excertos do Terceiro Livro de Linhagens (c.1344) do Pedro Afonso, conde de Barcelos

Marcelo Alves da Silva¹
Renata Soneghetti Cauper Pinto²

Resumo: Neste artigo, dedicamo-nos a analisar alguns fenômenos ortográficos, fonéticos, morfológicos e sintáticos da fase arcaica da Língua Portuguesa, localizáveis em dois excertos do Terceiro Livro de Linhagens (c.1344), de Pedro Afonso, conde de Barcelos. Nossa proposta é verificar, a partir de estudos da História da Língua Portuguesa (SPINA, 2008; SILVA, 2010; SAID ALI, 1964; MATOS E SILVA, 2001; HENRIQUES, 2019), da História da Literatura Portuguesa (TAVANI, LANCIANI, 1993; LOPES, SARAIVA, 1996; DIAS, 1998) e da Historiografia Portuguesa dedicada ao século trecentista português (SARAIVA, 2001; OLIVEIRA MARQUES, 1987; MORENO, 1995; MATTOSO, 1983), em que medida os fenômenos elencados respondem, enquanto expedientes histórico-linguísticos, à dinâmica sociocultural de Portugal na época em que o Terceiro Livro de Linhagens foi produzido. Entendemos que esse primordial texto é um relevante testemunho do Portugal Medieval e que se destina não somente a dar um panorama do estado inicial da Língua Portuguesa (fase arcaica), como apresenta função sociocomunicativa pertinente para o grupo social em que está associado o seu autor.

Abstract: In this paper, we are dedicated to analyzing some orthographic, phonetic, morphological and syntactic phenomena of the archaic phase of the Portuguese language, located in two excerpts from the Third Book of Lineages (c.1344), by Pedro Afonso, Count of Barcelos. Our proposal is to verify, from studies of the History of the Portuguese Language (SPINA, 2008; SILVA, 2010; SAID ALI, 1964; MATOS E SILVA, 2001; HENRIQUES, 2019), the History of Portuguese Literature (TAVANI, LANCIANI, 1993; LOPES, SARAIVA, 1996; DIAS, 1998) and Portuguese historiography dedicated to the Portuguese 13th century (SARAIVA, 2001; OLIVEIRA MARQUES, 1987; MORENO, 1995; MATTOSO, 1983), to what extent the listed phenomena respond, as historical end linguistics expedients, to the sociocultural dynamics of Portugal at the time when the Third Book of Lineages was produced. We understand that this primordial text is a relevant testimony of Medieval Portugal and that it is intended not only to give an overview of the initial state of the Portuguese language (archaic phase), but also presents a relevant socio-communicative function for the social group in which its author is associated.

Palavras-chave: Português arcaico; História da Língua Portuguesa; Terceiro Livro de Linhagens; conde de Barcelos.

Keywords: Archaic Portuguese; History of the Portuguese Language; Third Book of Lineages; Count of Barcelos

¹ Doutorando em Literatura Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. <https://orcid.org/0000-0001-8284-5418>

Email: br.marceloalves@gmail.com

² Mestre em Língua Portuguesa (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS) pela UERJ-FFP.

<http://lattes.cnpq.br/8205277896048143>

E-mail: renata.aulas@gmail.com





Aspectos sociais de Portugal no século XIV e o lugar do *Terceiro Livro de Linhagens*

O *Livro de Linhagens* de Pedro Afonso, conde de Barcelos (1287-1350) foi produzido na primeira metade do século XIV. Alguns historiadores, como, por exemplo, José Hermano Saraiva (2001) e António Oliveira Marques (2016), indicam que este período é marcado, primeiramente, por uma guerra civil (1320-1324) e, em seguida, pelo reinado de D. Afonso IV.

Veremos que os dois trechos aqui analisados tematizam os primeiros monarcas portugueses, desde Afonso Henriques até Afonso III, incluindo as relações políticas e familiares entre os reis de Leão e Castela, bem como as relações sociais entre os reis portugueses e os mouros, isto é, os árabes muçulmanos. Considerando que Afonso III reinou de 1248 até o ano de sua morte, 1279, as figuras históricas da dinastia de Bolonha estão bem próximas do período vivido por Pedro Afonso.

Saraiva (2001) comenta que a guerra civil entre 1320 e 1324 fora motivada por uma reação do infante D. Afonso – futuro D. Afonso IV – quanto à ideia de que seu pai, D. Dinis, tinha predição pelo filho bastardo, D. Afonso Sanches. O historiador diz que “(...) O País dividiu-se em dois partidos e o infante revoltado contava com a força dos concelhos” (SARAIVA, 2001: 88). Além disso, os revoltosos acusavam que “(...) a justiça deixara de reinar no País; ora a palavra justiça tem, nessa época, muitas vezes a acepção de ordem social, equilíbrio entre grandes e pequenos” (SARAIVA, 2001: 88).

Do ponto de vista econômico, ressaltamos que, entre os séculos XIII e IV se desenvolvem os comércios interno e externo. Acrescente-se a esse fato a articulação da atividade comercial com a agricultura. Saraiva lembra que

(...) Durante todo o século XIV cresce nos nossos portos o movimento comercial e é por essa altura que Lisboa se transforma numa grande cidade mercantil, que supera todos os outros centros urbanos e assume a posição de capital (SARAIVA, 2001: 95).

Acreditamos que o *Livro de Linhagens* responde não só a uma demanda historiográfica, explicável pela trajetória intelectual e social do Pedro Afonso, mas à dinâmica da nobreza durante o século estudado. Na concepção de Saraiva,





As consequências sociais das transformações económicas foram profundas: os nobres empobreceram, os burgueses enriqueceram, os homens bons que exploravam as herdades entraram em conflito com os nobres proprietários, por um lado, e com plebeus trabalhadores, por outro, porque a ambos procuravam pagar cada vez menos; os trabalhadores reagiram, ajudados pelo crescimento das cidades e pela rarefação da mão-de-obra (SARAIVA, 2001: 97).

Com isso, os nobres portugueses tiveram de negociar com mercadores estrangeiros (todos sediados em Lisboa) itens básicos para sustentar o seu *status* aristocrático: “vestuário cáro, estribos e selas dourados, roupa para a cama, perfumes para o corpo” (SARAIVA, 2001: 97). Não podemos negligenciar, também, o prosseguimento da “Reconquista”, que atinge seu apogeu na conquista do Alentejo (entre 1226 e 1238) e é finalizada por volta de 1249. Esses eventos estão diretamente relacionados à promoção da união do Norte com o Sul de Portugal a partir das iniciativas de reis e do clero para organização dos concelhos e povoação da região inferior do território.

Vê-se, portanto, que a dinâmica social descrita em parágrafos anteriores instaura, no seio daquele ambiente histórico, uma necessidade de mapeamento das classes aristocráticas. Conforme apontam Óscar Lopes e António José Saraiva (1996), o fenômeno relacionado à nobreza estimula entender os Livros – não somente o de Pedro Afonso - como contribuidores para o prestígio e a unidade da classe aristocrática. Para os estudiosos, a realização dos *Livros de Linhagens*

(...) está intimamente ligada aos interesses da nobreza, porque, registando as linhas de descendência, tinha-se em vista acautelar os direitos patrimoniais dos membros das famílias fidalgas, especialmente os direitos de “padroado” e os de “avoenga” (SARAIVA, 1996: 85).

Aida Dias, em *História Crítica da Literatura Portuguesa* – volume dedicado à Idade Média (1998) -, sinaliza que, dentre os três livros de linhagens legados pela Idade Média, o mais relevante é o do conde Pedro de Barcelos porque, além de exaltar as famílias poderosas e representar as reações das famílias senhoriais face ao poder régio, há momentos em que o cognominado *Terceiro Livro* se afasta da cor local, detendo-se nos grandes impérios da Antiguidade.





O próprio conde de Barcelos é um representante da nobreza. Conforme lembramos Lopes e Saraiva (1996), o conde Pedro de Barcelos é filho bastardo de D. Dinis I e esteve envolvido em lutas e intrigas protagonizadas pelo pai e pelos irmãos. Além disso, o autor do *Livro de Linhagens* esteve exilado na corte castelhana. Lá, após a morte do bisavô, Afonso X, compilava e redigia a *Crônica Geral da Espanha*, outra obra de grande importância para a fundação da escrita historiográfica em Portugal.

Considerado um dos primeiros documentos da historiografia portuguesa, o *Livro de Linhagens*, nas palavras de Diego Catalán Menedez Pidal (1962), foi

(...) concebido bajo el aliento de una más grandiosa concepción histórica universalizante, bien alejada del estrecho nacionalismo que caracteriza al modelo más inmediato, el Livro Velho (MENENDEZ PIDAL, 1962: 304).

Essa concepção histórica universalizante não está distante das orientações historiográficas de Afonso X, o Sábio, rei de Leão e Castela, bisavô de Pedro Afonso. Para Menedez Pidal, Barcelos utilizou muitas notícias de origem cronística encontradas nas compilações castelhanas da escola afonsina. Basta mencionar que o autor, no *Terceiro Livro*, ambiciona escrever a origem das linhagens a partir da genealogia de Adão, passando por demais figuras do Cristianismo, mas também da História de Roma até D. Fernando I. Por isso, o historiador e filólogo madrilhenho defende que

Sólo em la primera mitad del siglo XIV, la historiografía en lengua romance castellano-leonesa y navarra comienza a abrirse camino en los ambientes cortesanos de Portugal. Sin duda la corte de D. Dinis era un medio apropiado para el nacimiento de la historiografía en lengua vulgar; pero, indubablemente, la introducción de la historia cronística en Portugal es obra muy personal del bastardo regio, el conde don Pedro de Barcelos (MENENDEZ PIDAL, 1962: 303).

Aida Dias comenta que o *Livro de Linhagens* é a primeira obra original da historiografia portuguesa porque “reveste-se de uma preocupação social, quando, logo ao abrir o Prologo (sic), declara que à sua feitura presidiu a intenção primária de procurar a concórdia entre os homens.” (DIAS, 1998: 379).

Junto com os Livros de Linhagens, a obra de Pedro de Barcelos sinalizava, neste período de Portugal medieval, a necessidade premente de escrever as genealogias dos





senhores para evitar os casamentos incestuosos e, conseqüentemente, a vivência dentro do pecado. Objetivava também elucidar sobre os mosteiros de que os senhores eram fundadores, bem como dos benefícios provenientes dessas fundações.

Aspectos linguísticos e culturais do século XIV

Oliveira Marques (1983) aponta que a Língua Portuguesa por volta de Trezentos tinha sido oficializada por D. Dinis. Mesclada com o galego-português, era promovida como forma de delimitação da área cultural do país até meados do século XV.

Se, por um lado, a Língua Portuguesa, na sua fase arcaica, estabelecia-se como língua falada, por outro, na modalidade escrita, havia bastante variação ortográfica, uma vez que este aspecto não passava, ainda, por uma oficialização e normatização. Nesse sentido, há grafias que tentam seguir impressões fonéticas, mas outras que se esforçam por aproximar-se do latim e das suposições etimológicas.

Marques também repara na complexidade da sintaxe, defendendo a ideia de que havia um pensar “rústico” refletido numa sintaxe imprecisa e confusa. Entretanto, do ponto de vista da expressão criativa, o historiador indica que o vocabulário foi enriquecido, especialmente pelas experiências estrangeiras, pela ocupação dos árabes muçulmanos e pelas comparações e metáforas de toda as espécies.

Os trechos que selecionamos, entretanto, apresentam estruturas sintáticas simples, recheadas de coordenações. É provável que ao seguir uma configuração frástica menos complexa (isto é, menos subordinativa), Pedro Afonso buscasse a impressão de aceleração da leitura, além de assegurar que seus leitores apreendem o máximo de dados biográficos e historiográficos das figuras tematizadas nos diversos trechos do *Livro de Linhagens*.

Se seguirmos as periodizações propostas por estudos de História da Língua Portuguesa, logo notaremos que o texto aqui estudado testemunha fenômenos linguísticos enquadrados na época histórica, que começa a partir do século XIII.

Devemos precisar, contudo, esta periodização. A época histórica divide-se em duas: a fase arcaica, do século XIII ao século XVI; e a fase moderna, que começa a partir do século XVI. A primeira fase, chamada também de fase trovadoresca/galego-portuguesa, abrange a fonte textual a que este trabalho se dedica.

Amini Haury (2009), ao informar sobre o aspecto pragmático dos textos, inclui o *Livro de Linhagens* ao grupo de documentos públicos. Diz a estudiosa, de maneira breve, que os nobiliários foram escritos com o objetivo de estabelecer os graus de parentesco e





evitar casamentos incestuosos, um grande pecado perante a Igreja Católica, finalidade outrora apontada por Aida Dias. Haüy indica que podem ser encontrados tais documentos em arquivos nacionais portugueses, como a Torre do Tombo, a Biblioteca Nacional de Portugal, o Museu Etnológico e os cartórios das Câmaras Municipais.

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação hoje permitem que a comunidade de pesquisadores acadêmicos da área de Ciências Humanas e que trabalham com manuscritos e datiloscritos possam acessar tais fontes em arquivo digital. No site da Biblioteca Nacional de Portugal podem ser encontrados, com facilidade, os arquivos digitalizados do *Livro de Linhagens*. Encontra-se também a organização dos documentos públicos, sejam de teor literário ou não, feita entre 1853 e 1854 pelo escritor Alexandre Herculano (1810-1877). Utilizamos, além da edição de Herculano, a edição crítica do *Livro de Linhagens* do Conde Pedro de Barcelos, em dois volumes, feita pelo historiador José Mattoso e publicada em 1983.

Ainda em matéria cultural trecentista, mencione-se o monopólio do ensino nas mãos da Igreja Católica. Desde o século XI, as séis episcopais detinham escolas anexas regidas por clérigos, denominação dada tanto aos professores quanto aos alunos. Havia, ainda, a figura do mestre-escola. No século XIV, sua presença é escassa, mas faz-se notar em colegiadas de Guimarães e de Barcelos (cidade portuguesa do século XII no distrito de Braga e que havia sido um condado governado justamente pelo autor do *Livro de Linhagens!*).

Há também as escolas conventuais das ordens religiosas – Franciscanos, Dominicanos, Cistercienses, Regrantes de Santo Agostinho. Uma das figuras régias tematizada no segundo trecho aqui selecionado, dona Branca de Portugal, fora senhora de um mosteiro espanhol de orientação cisterciense. Além disso, Alcobaça, lugar em que, de acordo com o excerto 2 a ser apresentado nas próximas seções, enterraram Afonso III, era repleta de mosteiros cistercienses detentores das práticas de conhecimento.

Verifica-se, nesse período, a existência da Universidade. A Instituição superior muda de lugar quatro vezes durante do século XIV, entre Coimbra e Lisboa. Era dependente de rendimentos eclesiásticos. No início do século estudado, estudavam-se, na Universidade, os Cânones, Leis, Medicina (entendida como Física), Gramática, Dialética, Lógica. Depois, acrescentaram-se a Música e a Filosofia. No final do século, incluiu-se a Teologia. A prática de ensino-aprendizagem consistia em ler e comentar o texto para desfazer suas contradições. O professor universitário denominava-se lente, justamente porque comentava o que lia.





Por isso, apesar das limitações de produção, o livro era um importante meio cultural. Era caro e raro, desde a elaboração à distribuição. Com poucas tiragens. O importante a dizer acerca de uma política cultural do livro no século XIV refere-se às práticas tradutológicas. Nesse sentido, mais uma vez o conde de Barcelos ganha protagonismo: o crescimento do público leigo falante de português estabelecia a demanda por traduções não só do latim, mas do francês, do castelhano, do árabe e de outras línguas. E Pedro Afonso de Barcelos foi tradutor de algumas obras do castelhano para o português arcaico (e vice-versa), como a *Crônica Geral da Espanha*.

As cortes senhoriais, como anota Oliveira Marques (1983), especialmente a corte régia, fermentava um ambiente de convívio cultural. Permitia o aqulilamento do idioma, acompanhado de regras de etiqueta e de polidez. Produzia livros, saraus literários, recitação, apresentação de trovadores e jograis, dança, canto, desporto, convívio diplomático e mecenato.

Para encerrar esta unidade textual, comentemos brevemente, seguindo a sistematização de Amini Haury em *História da Língua Portuguesa*, obra organizada por Segismundo Spina (2009), as características gerais da fase arcaica do vernáculo. A pesquisadora lista uma série abundante de fenômenos ortográficos, morfossintáticos e lexicais. Seleccionamos a descrição de alguns deles por sua pertinência à análise dos trechos aqui preterida.

Na ortografia, destacamos que a variação gráfica das palavras é fruto da arbitrariedade da época e rivaliza com características etimológicas do léxico. Além disso, nota-se a constante presença das consoantes geminadas para reforçar a entonação. Há a confusão e a indistinção entre as vogais “i” e “u”, as consoantes “j” e “v” e o emprego arbitrário do “y”, ora como vogal ora como semivogal.

Foneticamente, o português arcaico mantinha a terminação “-om” no final das formas nominais e verbais, resquício das formas latinas. Há também a manutenção de hiatos, seja com vogais orais, seja com vogais nasais; e poucos casos de metáfora.

Quanto às classes gramaticais, reparemos no uso de artigos, com a acentuada presença da forma “el” precedendo a palavra “rei”. Alguns filólogos remetem sua origem como castelhana; outros, derivam-na do latim “illu”, sofrendo alguns metaplasmos. Nos pronomes possessivos, há a ocorrência de formas átonas: “ma”, “ta”, “sa”. Quanto aos demonstrativos, um frequente uso de “este” acompanhando, sempre, os substantivos.

Dentre os fenômenos sintáticos, destaquemos a regularidade da concordância verbal e nominal. Quanto à regência, verbos como “haver” e “filhar” seguem uma regência própria: são bitransitivos. Há uso particular de indeterminação do sujeito apenas





com a forma da P3 do singular, predicativos atributivos locativos e certas ordens inversas, resquício dos atributos latinos.

No português arcaico, as formas pronominais oblíquas eram utilizadas tanto em próclise quanto em ênclise. A coordenação de termos sintáticos, notadamente de complementos verbais, e de orações aditivas era abundante, assim como a presença de orações adjetivas restritivas e de apostos especificativos.

Análises

Começa Portugall : e falla delrey dom Affomssso Amrriquez o primeyro rrey de Portugall e do que fez no tempo de seu rreynado, e delrey dom Sameho seu filho segundo rrey de Portugall e dos filhos que ouue

Esta dona Mafalda Mamrriquez foy casada com dom Affomssso Amrriquez, que foy filho do conde dom Amrrique e da rrainha dona Tareyja filha delrey dom Affomssso o que filhou Tolledo a mouros. Este conde dom Amrrique ouue muytas fazemdas com mouros e com leoneses. Morreo este conde dom Amrrique em Astorga que era sua, e tiinha estomçe aprazada a villa de Leom, que sse a quatro meses lhe nom acoresse o emperador que fosse sua com ssas perteemças, e ante que morresse foy no prazo dos quatro meses.

1 - Excerto 1 do *Terceiro Livro de Linhagens*. Ed. Alexandre Herculano (1860).

O excerto 1 intitula-se “Começa Portugall: e falla delrey dom Affomssso Amrriquez o primeyro rrey de Portugall e do que fez no tempo de seu rreynado, e delrey dom Samcho seu filho segundo rrey de Portugall e dos filhos que ouue”. Com cinco linhas (ed. de Alexandre Herculano), o trecho trata, brevemente, das relações de parentesco entre figuras régias (o conde Henrique de Bolonha, sua esposa D. Teresa; Afonso Henriques e sua esposa Mafalda de Saboia; o rei de Castela, Afonso IV; e o segundo rei de Portugal Sancho I). O trecho acrescenta informações sobre as relações entre Henrique de Bolonha e mouros e leoneses; por fim trata do local de morte do conde de Bolonha e de algumas negociações com o reino de Leão. A seguir, apresentamos as características gramaticais desse excerto.

Fenômenos ortográficos, fonéticos e morfológicos

1 - Duplicidade da consoante: como anota Said Ali (1964), a duplicação de “ff”, assim como a de “ll”, foi desusada na linguagem moderna e não apresenta fundamento na etimologia. A explicação possivelmente se dá pelo fato de que “(...) quisessem os antigos escritores significar que em alguns vocábulos, ou em algumas ocasiões, a vogal junto a “ll” ou “ff” recebia entonação ou icto forte, mas muito rápido” (SAID ALI, 1964: 44).





Citemos, como exemplo, os vocábulos “Portugall”, “falla”, “Affomso”, “Mafallda”, que aparecem no excerto 1.

O emprego de consoantes geminadas no princípio dos vocábulos e em posição interna após consoante ou vogal nasal aconteceu da mesma forma em vocábulos que apresentavam o emprego do “rr” e do “ss” intervocálicos. O uso tinha por finalidade manter a sonoridade de um “r” “rolado” e de um “s” sibilante com o intuito de diferenciar sons surdos e sonoros e, conseqüentemente, o significado das palavras. Verificamos este aspecto em itens como: “delrrey”, “Amrriquez”, “rrey”, “rreynado”, “Manrriquez”, “rrainha”, “Morreo”, “sse”, “acoresse”, “ssas”, protagonizados no trecho em análise.

2 - Emprego arbitrário do “y” com o valor de semivogal, denotando uma instabilidade ortográfica, conforme aponta Amini Hauy (SPINA, 2008). Além disso, nas palavras de Said Ali (1964), “Usualíssimo era y nos ditongos, sendo esta prática seguida ainda por escritores quinhentistas e seiscentistas”. Alguns exemplos citados por Said Ali são as palavras “arrayal”, “atolleyro”, “primeyra”, “deyxou”, “foy”, “muyto”, “rey”, entre outros. “Com tudo isto escreviam-se de ordinário com *i* as palavras *mais*, *pois* e *depois*”(SAID ALI, 1964: 36). Dentre alguns exemplos do excerto 1, destaquemos: “delrrey”, “primeyro”, “rrey”, “rreynado”, “foy”, “Tareyja”, “muytas”, “muy”.

3 - “m” empregado de maneira instável, característica da fase arcaica da Língua Portuguesa. Os exemplos que sinalizamos no excerto 1 são: “Samcho”, “segumdo”, “comde”, “fazemdas”.

4 - A duplicação do *u* na forma verbal “ouue” é reflexo da instabilidade ortográfica do português arcaico. O segundo “u” representava o fonema /v/.

5 - Ponderamos que a segunda ocorrência de “i” da forma verbal “tinha” é uma prática de alongamento da primeira ocorrência da vogal por causa da palatal “nh”. O alongamento se faz necessário para fortalecer a pronúncia da sílaba. Não há descrição deste fenômeno fonético nos materiais consultados.

6 - Observamos ainda, quanto à ortografia, a presença da palavra “estomçe”, com influência de características da segunda fase do período arcaico, que o português, como língua nacional, já se diferencia do galego-português. De acordo com Hauy, “Como não havia muitos novos sons inexistentes em latim e para os quais não se estabelecera uma tradição representativa, viram-se obrigados [prosadores] a inventar novas grafias. Trocavam também c e ç, q e qu, ch e x, s, ss, ç e z.” (HAUY *apud* SPINA, 2008: 54).

7 - A terminação “-om” (escrita “-õ”, “-on”, “-om”) corresponde às formas latinas da terceira declinação com “-one” e “-undine”, conforme aponta Amini Hauy (2008: 56). Notem-se, no excerto 1, os seguintes casos: “dom”, “Leom”, “nom”.





8 - Em geral, na Língua Portuguesa, existem dois casos de metafonia: o primeiro consiste em a vogal final alta modificar a vogal temática: /e/ > /i/ e /o/ > /u/ (/esto/ > /isto/, /todo/ > /tudo/); o segundo trata-se da vogal final alta ou baixa só influenciar o timbre da vogal temática (seja a fecha, seja a abre): (/medo/ > /medo/, /mõêda/ > /moêda/, /fõgo/ > /fõgo/, /formõza/ > /formõza/). A palavra “emperador”, do excerto 1, enquadra-se no primeiro caso.

9 - “ssa” explica-se do seguinte modo: no sistema dos possessivos no período arcaico, em confronto com o atual, há a variação nas formas femininas (“ma”, “mha”, “minha”; “ta”, “tua”; “sa”, “sua”). As formas “ma”, “ta”, “sa” e as formas plurais correspondentes são chamadas de formas átonas porque sempre precedem o nome (SILVA, 2001: 27). Repare-se que “ssa” aparece depois do substantivo “perteenmças”. Ainda Claudio Cezar Henriques (2019: 219) menciona que “sa” é a forma átona de “sua” na língua arcaica.

10 - “ante”: trata-se de um advérbio de tempo na forma do latim vulgar.

11 - “perteenmças”: consiste na duplicidade da vogal. Para Said Ali (1964), baseando-se nos antigos cancioneiros, repara que as formas “leer”, “creer”, “seer”, “teer” e “veer” eram vocábulos dissilábicos com acento tônico no segundo “e”. Menos fácil é atinar com a pronúncia que teria “aa”, “oo” e “ee” em outras palavras.

O primeiro dado para a solução do problema é fornecido por aquelas palavras em que houve aproximação das vogais pelo desaparecimento de algum fonema intermédio; em segundo lugar estão os vocábulos em que uma das vogais parece ter vindo em substituição à consoante desaparecida. A vogal duplicada tanto podia vir em sílaba tônica, como em sílaba átona (“geeral”, “ceeos”, “doo”, “perigoo”, “poboo”, “diaboo”, “door”, “voontede”), com o que se prova que era a sua pronúncia independente da acentuação.

A regularidade com que se usava em certos vocábulos, ao mesmo tempo que, em outros, nunca se dobrava a vogal, permite admitir em “aa”, “ee”, “oo” pronúncia diversa de “a”, “e”, “o”. Consistiria, no primeiro caso, provavelmente em demorar um pouco a voz, fraca a princípio e logo mais forte (SAID ALI, 1964, p. 36).

Fenômenos sintáticos

Quanto aos aspectos sintáticos, notemos que, no excerto 1, a ordem inversa (verbo - sujeito) é um resquício da flexibilidade proveniente do latim vulgar, que eliminou as





desinências de casos, indicadores das funções sintáticas. Isso pode ser exemplificado em: “Começa Portugall”.

No trecho, entendemos ainda que “falla”, na construção “e falla delrrey dom Affomso Amrriquez”, é uma forma de indeterminação do sujeito, explicável pelas intenções historiográficas do conde de Barcellos. Ela se assemelha a um possível presente histórico indicado pela P3. Importante anotar que esta forma não é listada por Rosa Virgínia Mattos e Silva (2001:87) entre os casos de indeterminação do sujeito no português arcaico.

Destacamos a presença de apostos especificativos que mostram ao leitor detalhes sobre as *personas* históricas presentes no texto. Dentre os apostos estão: “o primeyro rrey de Portugall” (referentes a Affomso Amrriquez); “seu filho segundo” e “rrey de Portugall” (referente a dom Samcho).

Para que o leitor pudesse ter mais detalhes sobre a as relações régias de cada um dos personagens citados, o encadeamento de ações apresenta-se nas orações a começar pela oração coordenada sindética aditiva “e do que fez no tempo de seu rreynado” cujo complemento dá ainda mais informações ao leitor: “e dellrrey dom Samcho” (objeto indireto); e “e dos filhos [que ouue]”, o qual é ainda mais detalhado por uma oração com função adjetiva que se refere a “Affomso Amrriquez”.

Verificamos a presença de fenômenos morfossintáticos no corpo do texto. Na ocasião, percebe-se que no segmento “Esta dona Mafalda Mamrriquez foy casada com dom Affomso Amrriquez,”, o pronome demonstrativo “Esta” é derivado de “ille”, usado com frequência no latim vulgar como determinantes de substantivos. Este é o entendimento de Claudio Cezar Henriques (2019: 209-218). O fragmento, inclusive, pode ser denominado como predicativo atributivo descritivo usado, segundo Mattos e Silva (2001: 75), para atribuir ao sujeito uma qualidade, permanente ou transitória, que se expressa no complemento, sintaticamente, por um sintagma nominal.

Em “que sse a quatro meses lhe nom acoresse o emperador “, visto que temos “sse”, é possível depreender que o leitor se encontra diante de uma oração subordinada adverbial condicional. Vale destacar que, na análise de Mattos e Silva: “(...) nas subordinadas a anteposição do pronome complemento é a regra geral: além de anteposto se apresenta contíguo ao elemento subordinante, uma vez que, ocorrendo outros constituintes se interpõem entre eles o pronome e o verbo” (MATTOS E SILVA, 2001: 128).

Orações subordinadas adjetivas também se apresentam com o papel de modificadores para as figuras históricas. Temos, então, as seguintes sequências: “que foy





filho do comde dom Amrrique e da rrainha dona Tareyja” (oração subordinada adjetiva (em relação a Affomso Amrriquez), na qual vemos dois adjuntos adnominais (do comde dom Amrrique, darrainha dona Tareyja) e um aposto como adjunto adnominal em “filha delrrey dom Affomssso”; “o que filhou Tolledo a mouros” (oração subordinada adjetiva em relação a dom Affomssso), na qual “filhar” (tomar, tirar, saquear) é um verbo de dupla regência, isto é, um verbo transitivo direto e indireto e em que o objeto direto é “Tolledo” e o objeto indireto é “a mouros”; e “que era sua” (oração subordinada adjetiva, referindo-se à cidade de Astorga, localizada ao sul da Espanha).

Observamos também o papel importante do referente “este” em partes como “Este comde dom Amrrique ouue muytas fazendas com mouros e com leoneses” e “Morreu este comde dom Amrrique em Astorga”. Reiteramos que “este” é um pronome demonstrativo derivado de “ille” usado com frequência no Latim Vulgar como determinantes de substantivos, conforme salienta Claudio Cezar Henriques (2019)

Quanto à forma “ouue”, trata-se da P3 do pretérito perfeito do indicativo do verbo haver, utilizado, no texto, com o sentido de “ter” (posse). É um verbo transitivo direto.

Além disso, como forma de atribuir ao sujeito uma qualidade transitória, indicando mudança, observa-se a presença de um predicado atributivo descritivo em “e tiinha estomçe aprazada a villa de Leom”. Segundo Mattos e Silva (2001: 75), é possível, inclusive, notar a variação entre “ser”, “estar”, “jazer” e “andar” nos predicados atributivos transitórios como no seguinte exemplo citado pela autora: “Que ti tolha Deus esta tempestada de que *jazes coitado*”.

Fenômenos lexicais

1 - "Affomso Amrriquez": Afonso Henriques (c.1106-1185), primeiro rei de Portugal após a batalha de São Mamede contra a governança de sua mãe, Dona Teresa. Segundo Humberto Moreno (1995), Afonso Henriques era um monarca que, habilmente, fez com que os outros reinos reconhecessem o seu poder régio. Buscou também uma expansão territorial, rivalizando com seu primo castelhano, Afonso VII. Encaminhou-se ao Papa para pedir o título de rei, *status* que só veio a obter cinco anos mais tarde.

2 - "dom Samcho": Sancho I de Portugal (1154-1211), segundo rei de Portugal, entre 1185 até a data de sua morte. Filho de Afonso Henriques e de Mafalda de Saboia. Seu reinado é marcado por ofensivas aos almóadas e por permanente estado de disputas territoriais na faixa meridional ibérica durante o século XII.





3 - "dona Mafalda Mamrriquez": trata-se de Mafalda de Saboia (1125-1157), esposa de Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal. É, portanto, a primeira rainha portuguesa. Sua descendência é do condado de Saboia, região próxima onde hoje ficam os alpes suíços.

4 - "comde dom Amrrique": trata-se de Henrique de Borgonha (1066-1112), conde de Borgonha. Ele auxilia, no final do século XI, a combater, junto com os castelhanos, os infiéis, e a combater os almorávidas. Casou-se com Teresa, filha bastarda de Afonso VI de Leão e Castela e, por meio desse matrimônio, obtém, em 1096, o condado Portucalense, território a sul do Minho.

5 - "rrainha dona Tareyja: Teresa de Leão, condessa de Portugal (c.1080-1130). Filha bastarda de Afonso VI de Leão e Castela. Por ocasião da doação a seu esposo, Henrique de Borgonha, o território a sul do Minho, na forma de feudo, torna-se condessa de Portugal e, posteriormente, mãe de Afonso Henriques, fundador do reino português e seu primeiro rei. Após enviuvar de Henrique, D. Teresa herdou o governo e manteve-o com relativa independência. Quando, porém, seu filho, Afonso Henriques, atinge a idade de dezoito anos, lidera uma rebelião opositora ao governo da mãe. O resultado é a vitória de Afonso Henriques na batalha de São Mamede e a fuga de D. Teresa para Galícia. Seu nome está escrito na forma galega.

6 - "dom Affomssso": trata-se de Afonso IV de Leão (1037-1109), rei de Leão a partir de 1065, rei de Castela a partir de 1072 e rei da Galiza a partir de 1073. Seu reinado é marcado pela tomada de Toledo dos árabes muçulmanos em 1085 e pela política de tolerância à cultura árabe.

7 - "filhou": trata-se, segundo registro do dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, da P3 do presente do indicativo do verbo "filhar" cujo significado no português arcaico (século XIV) é "pegar, apanhar, tomar" e "tomar à força", "conquistar", estes últimos sentidos pertinentes para o ambiente bélico relatado no trecho em questão.

8 - "Tolledo": cidade que fica na região central da Espanha e que durante a Idade Média era a capital do reino de Castela.

9 - "mouros": no dicionário eletrônico Houaiss, o termo refere-se aos povos árabe-berberes que habitavam o norte da África e que conquistaram a Península Ibérica; chamados também de sarracenos e de muçulmanos. De acordo com Oliveira Marques (1984), eles constituíram no século XIV o contingente mais numeroso na península, especialmente no Algarve. Organizavam-se em comunas/comuns; seus locais da habitação denominavam-se mourarias. Disseminavam-se no por todo o Sul da Península Ibérica. Ainda de acordo com o historiador, houve três situações que indicam o declínio





dos mouros no século XIV: alguns foram dizimados pelas epidemias, outros emigraram para o Norte da África e para Granada e ainda se integraram na sociedade cristã por miscigenação (MARQUES, 1984: 32-35).

10 - "fazendas": de acordo com o dicionário eletrônico Houaiss, significa “coisas que devem ser feitas”. Datada do século XIII, sua acepção, no excerto 1, significa “ocupações”.

11 - "leoneses": na acepção do dicionário eletrônico Houaiss, é um adjetivo pátrio plural referente aos que descendem do reino de Leão.

12 - "Astorga": cidade que fica ao norte da Espanha e que na Idade Média pertencia ao reino de Leão.

13 - "estomçe": trata-se do advérbio “então”. Nas fontes consultadas, a data de seu registro diverge do período em que se enquadra o excerto. Tanto no dicionário eletrônico Houaiss quanto no Vocabulário do Português Medieval da Fundação Casa Rui Barbosa, este item lexical é datado do século XV.

14 - "aprazada": na acepção do dicionário eletrônico Houaiss, é uma forma verbal no particípio registrada, na Língua Portuguesa, desde o século XIII. Significa, neste contexto, fixada, delimitada, determinada.

15 - "perteemças": no dicionário eletrônico Houaiss, indica-se que a forma verbal “pertencer” data do século XIII, mas nada é dito sobre a forma nominal. Uma consulta ao Vocabulário do Português Medieval da Fundação Casa Rui Barbosa dá como resultado a forma “pertemça”, sem a duplicação da vogal, e a base de dados indica que seu uso remonta ao século XV, isto é, ao século posterior em relação ao do texto aqui estudado. O substantivo significa “propriedades”.

Leiamos a seguir o excerto 2, bem como as análises que empreendemos.

**Delrrey dom Affomssso de Portugall que foy comde de Bellonha filho delrrey
dom Affomssso e irmão delrrey dom Samcho**

Elrrey dom Affomssso foy muy boo rrey e justiçaço, e manteue sempre seu rreyno em paz e sem contemda nenhuma. E casou com dona Beatriz, filha delrrey dom Affomssso de Castella e de Leom, e ouue della filhos, o iffante dom Dinis, e o iffante dom Affomssso, e a iffante dona Bramca que morreo nas Olgas de Burgos omde foy sempre senhora, e hi jaz, ca numca quis seer casada. E morreo elrrey dom Affomssso na era de mill cccxxv annos, e soterraromno em Alcobça.

2 - Excerto 2 - *Terceiro Livro de Linhagens* (Ed. Alexandre Herculano).





O excerto 2 intitula-se "Delrrey dom Affomsso de Portugall que foy comde de Bellonha filho delrrey dom Affomsso e irmão delrrey dom Samcho". Semelhante ao trecho anterior, o excerto 2 contém 5 linhas (ed. Alexandre Herculano).

Pedro de Barcelos avalia o caráter e o reinado de Afonso III. Cita a esposa deste soberano, a rainha dona Beatriz, bem como Afonso X, sogro do monarca português, rei de Leão e Castela; lista os filhos de Afonso III: Dom Dinis I, Afonso de Portugal (que não vira monarca) e dona Branca. A esta, Pedro Afonso acrescenta dados de sua biografia: que ela morreu no mosteiro de *Las Huelgas*, na cidade de Burgos, na Espanha, e que lá seu corpo permaneceu. Há também um comentário sobre o ano em que Afonso III morreu (1317, a saber, uma indicação historiográfica equivocada, pois Afonso III morre em 1279), bem como o lugar onde o monarca foi enterrado: Alcobaça. A seguir, apresentamos as características gramaticais desse excerto. Ressalte-se que, para fins de exposição, reapresentamos algumas descrições de fenômenos presentes no excerto 1, pois eles também figuram no excerto 2.

Fenômenos ortográficos, fonéticos e morfológicos

1 - Duplicidade da consoante: o emprego de consoantes geminadas no princípio dos vocábulos e em posição interna após consoante ou vogal nasal aconteceu da mesma forma que em vocábulos que apresentavam o emprego do “rr” e do “ss” intervocálicos. O emprego tinha por finalidade manter a sonoridade de um “r” “rolado” e de um “s” sibilante com o intuito de diferenciar sons surdos e sonoros e, conseqüentemente, o significado das palavras. Exemplos: “Delrrey”, “elrrey”, “rreyno”, “morreo”.

A duplicação de “ff”, assim como a de “ll”, foram desusadas na linguagem moderna e não apresentam fundamento na etimologia. A explicação possivelmente se dá pelo fato de que “quisessem os antigos escritores significar que em alguns vocábulos, ou em algumas ocasiões, a vogal junto a “ll” ou “ff” recebia entonação ou ictos forte, mas muito rápido”. (SAID ALI, 1964, p. 44). Como exemplo do excerto 2 temos “Affomsso”, “Portugall”, “Bellonha”, “Castella”, “della”, “iffamte”, “mill”.

2 - Emprego arbitrário do “y” com o valor de semivogal, denotando uma instabilidade ortográfica, conforme aponta Amini Hauy (SPINA, 2008: 51). Além disso, nas palavras de Said Ali, “Usualíssimo era o y nos ditongos, sendo esta prática seguida ainda por escritores quinhentistas e seiscentistas”. Alguns exemplos citados: arrayal, atolleyro, primeyra, deyxou, foy, muyto, rey, entre outros. “Com tudo isto escreviam-se





de ordinário com I as palavras *mais, pois e depois*". (SAID ALI, 1964: 36). Dentre alguns exemplos do excerto 2, destaquemos: “foy”, “elrrey”, “rreyno”.

3 - A palavra “irmão” recebe til (~) indicando o fenômeno da síncope do “n” intervocálico e conseqüente nasalização da vogal anterior. Segundo Hauy registrava-se essa nasalização por meio da forma menor do “n”, sobreposto à vogal nasalada e “(...) posteriormente, do afastamento das extremidades deste n, convertido em sinal diacrítico, nasceu o til (~), cujo emprego se estendeu a outros casos de nasalização da vogal, substituindo muitas vezes o m e o n”, como em cães e rrãa (HAUY *apud* SPINA, 2008: 53).

4 - “boo”, de acordo com Hricsina, revela um processo da nasalização da vogal em questão, da seguinte forma: a consoante intervocálica cai [síncope] e deixa a sua nasalidade [assimilação] na vogal precedente que influencia a vogal seguinte – bono /bõo/>/bõõ/, tener /têer/>/têêr/. No caso da seqüência de duas vogais idênticas, primeiro realiza-se um hiato nasal e, no século XIII, estas vogais fundem-se (crase) – /têêr/>/têr/.

A grafia destes hiatos era variada: “bõõ”, “bóó”, “boo”. Estes hiatos nasais não persistiram na língua. A realização vocálica nasal é acompanhada pela presença da consoante nasal análoga. Havia três possibilidades avançadas para a simplificação destas seqüências: “a) desnasalização do hiato e crase das vogais: /têêr/>/teer/>/ter/ b) crase das vogais nasais resultante na presença duma só vogal nasal: /bõõ/>/ bõ/ c) ditongação da vogal nasal, se esta ficasse no final da palavra: /bêê/>/bêj/” (HRICSINA, 2013: 218).

5 - No item lexical “justiçoso”, há a presença do sufixo nominal formador de adjetivo, “-oso”, cujo significado é “abundância, qualificação acentuada”. Este sufixo é de origem latina.

6 - A letra “m” é empregada como nasalizador das vogais “a”, “e” e “u”, como nas palavras “contemda”, “Bramca”, “numca”. Comparando com os fenômenos fonéticos do excerto 1, podemos dizer que a própria instabilidade do uso da letra “m” nesse contexto final de sílaba, e reiterada entre os trechos, resvala, curiosamente, para uma regularidade.

7 - A presença do “u” na forma verbal “manteue” é reflexo da instabilidade ortográfica do português arcaico. O “u” representava o fonema /v/.

8 - “O hi” que aparece no excerto 2 explica-se, de acordo com Amini Hauy da seguinte forma: “A tendência a encorpar as palavras também contribuía para a arbitrariedade ortográfica da época, contrariando muitas vezes a etimologia das palavras” (HAUY *apud* SPINA, 2008: 49).

9 - “ca”: Mattos e Silva (2001) esclarece que o “ca”, cujo étimo em geral proposto é o “quia” do latim, é o conectivo mais corrente na documentação arcaica para o uso em





orações de coordenação explicativa. Segundo a autora, essa conjunção “mantém-se no presente até o século XVI, mas se perderá em proveito de *pois*, etimologicamente um temporal (< lat. Post). A princípio se mantém no período arcaico a polissemia de *pois*, temporal / explicativo, deixando de ser usado na sua acepção etimológica no século XV” (MATTOS E SILVA, 2001: 122).

Assim como a autora, optamos por analisar o “ca” como explicativo pelo seu valor semântico se caracterizar como mais abrangente do que casual, assim como pelo fato de que o “ca” ocorre em distribuição sintática típica de coordenantes em que as permite apresentarem-se independentes sintaticamente.

10 - "seer": trata-se também, semelhante ao excerto 1, de um caso de vogais duplicadas. A regularidade com que se usava em certos vocábulos, ao mesmo tempo que em outros nunca se dobrava a vogal, permite admitir em *aa*, *ee*, *oo* pronúncia diversa de *a*, *e*, *o*. Consistiria, no primeiro caso, provavelmente em demorar um pouco a voz, fraca a princípio e logo mais forte. (SAID ALI, 1964, p. 36).

11 - "soterraromno" revela a terminação “-om” (escrita “-õ”, “-on”, “-om”) e corresponde neste caso à forma latina “-unt” presente nos verbos, especialmente os de P6.

Fenômenos sintáticos

O título do segundo excerto começa pelo Sintagma Preposicionado (SPrep) “Delrrey dom Affomssso de Portugall”, que é seguido pela oração subordinada adjetiva restritiva “que foy comde de Bellonha”, por sua vez acompanhada por dois apostos: “filho delrrey dom Affomssso” e “e irmão delrrey dom Samcho”.

Noções de natureza circunstancial de diferentes tipos desempenham a função sintática de adjuntos adverbiais. Quanto a isso, no corpo do excerto 2, temos em “e manteue sempre seu rreyno em paz e sem contemda nenhuma” as preposições simples e as locuções prepositivas que introduzem sintagma preposicional adjunto.

Temos o caso de adjunto adverbial de exclusão iniciado pela preposição “sem”, com origem na preposição latina “sine”, como em “sem contemda”, indicando circunstância de modo. E ainda a presença da preposição “em”, situacional por excelência, no adjunto “em paz”, de modo; assim como no sintagma “em Alcobaga”, indicando lugar.

Indicando lugar, há nessa parte o adjunto adverbial “hi”, em “e hi jaz”, e é equivalente a “aqui”, um dêitico que funciona como anafórico, referindo-se ao lugar sobre o qual se fala (Olgas de Burgos).





Para especificação dos personagens, há uma sequência de apostos como: “filha delrrey dom Affomso de Castella e de Leom” (com adjunto adnominal - delrrey dom Affomso de Castela e de Leom), seguida de outros apostos como “o iffamte dom Dinis”; “e o iffamte dom Affomso”; “a iffamte dona Bramca”.

Com relação à oração “ca numca quis seer casada”, conforme já anotamos, entendemos que o “ca” é explicativo pelo seu valor semântico ser mais abrangente do que casual assim como pelo fato de que o “ca” ocorrer em distribuição sintática típica de coordenantes em que as permite apresentarem-se independentes sintaticamente

O texto apresenta ainda orações coordenadas sindéticas aditivas que mostram ao leitor uma sequência de ações que dão pistas sobre cada passo dos personagens: “E casou com dona Beatriz” (com sujeito elíptico); “e ouue della filhos” (Oração com ordem inversa [V-Adjunto Adnominal-Complemento verbal]); “que morreu nas Olgas de Burgos” (referente à iffamte dona Bramca, sendo esta especificada pela oração subordinada adjetiva restritiva “omde foy sempre senhora”, em que o “omde” se refere ao local Olgas de Burgos); “E morreo elrrey dom Affomssso na era de mill CCCXVII anos”, em que há a presença da ordem inversa verbo-sujeito seguidos do adjunto adverbial de tempo “na era de mil CCCXVII annos”.

Além disso, consideramos, com base em Mattos e Silva (2001), que o fragmento “e soterraromno em Alcobaça” é um predicado atributivo locativo que se caracteriza semanticamente por apresentarem um complemento que, dessa vez, localiza no espaço o sujeito ao qual se refere.

De acordo com Mattos e Silva, “Sintaticamente o complemento locativo pode ser expresso por um SPrep [sintagma preposicionado] ou por um pronominal adverbial de localização” (MATTOS E SILVA, 2001: 75). A autora acrescenta ainda uma importante observação: “Os verbos que ocupam o núcleo do SV [sintagma verbal] nessas estruturas são os mesmos dos predicados atributivos descritivos – seer, estar, andar, jazer” (MATTOS E SILVA, 2001: 75), processo que podemos verificar no segmento em destaque.

Ainda sobre a oração “e soterraromno em Alcobaça”, consideramos, para efeito de análise, o entendimento de Rosa Virgínia Mattos e Silva. A pesquisadora diz que “Nas frases coordenadas há um predomínio da ênclise. Se os coordenantes são “e”, “mais” e “pero” há sempre ênclise” (MATTOS E SILVA, 2011: 130).





Fenômenos lexicais

1 - "dom Affomssso de Portugall": trata-se do monarca Afonso III (1210-1279) de Portugal, rei de Portugal entre 1248 e 1279. Dentre algumas informações relevantes acerca dessa figura histórica, assinalamos que ele concluiu a conquista do Algarve (1249-1250) e a partir de 1251 continuou o projeto de investida contra os muçulmanos, completando o que alguns historiadores, como, por exemplo, António de Oliveira Marques (2016) chamam de Reconquista. Esforçou-se por organizar internamente o país. Em 1253, fez um pacto com o reino de Castela, casando-se com D. Beatriz, filha natural de Afonso X. Esse fato causou desconforto eclesiástico, porque a celebração matrimonial se deu quando ainda era viva sua primeira esposa, Matilde de Bolonha.

2 - "delrrey dom Affomssso": trata-se de Afonso II de Portugal (1185-1223), conhecido como o Gordo. Segundo Humberto Moreno e Luís Carlos Amaral (1993), este monarca, diferente do seu filho Afonso III, preocupou-se menos com a conquista das terras mulçumanas e esforçou-se por estabelecer uma política de centralização administrativa, com chancelarias, mordomados, exército e autoridades régias, bem como o lançamento de inquisições gerais e atos fiscalizadores, na tentativa de travar abusos senhoriais.

3 - "dom Samcho": trata-se do monarca Sancho II (1209-1248), rei de Portugal entre 1223 e 1248. Seu reinado é marcado por medição de forças entre grupos favoráveis e contrários ao centralismo régio, de acordo com Humberto Moreno e Luís Carlos Amaral (1993). Ou seja, é um período de instabilidade política com várias rivalidades no interior do clero e da nobreza. Muitos historiadores sinalizam a fraqueza do rei no que tange à sua governança.

4 - "dona Beatriz": trata-se de Beatriz de Castela (1242-1303), infanta de Castela e rainha de Portugal, esposa de Afonso III. Era filha do rei Afonso X, o Sábio, e o seu casamento é resultado de um acordo político entre o reino de Castela e o reino de Portugal.

5 - "dom Affomso de Castella e de Leom": em castelhano, Alfonso X (1221-1284), rei de Castela e de Leão entre 1252 e 1284. Dentre as informações relevantes acerca deste monarca, destacamos, seguindo a sistematização de Bertolucci Pizzorusso (in TAVANI, 1993: 36-40), que Afonso X é autor de quarenta e quatro poesias líricas e das Cantigas de Santa Maria. Sua figura é nuclear das atividades poéticas ibéricas do século XIII e sua corte foi ambiente de estímulo dos poetas galego-portugueses e dos trovadores provençais.





7 - "Bellonha": trata-se do condado de Bolonha, região histórica que, atualmente, é a república francesa hexagonal.

8 - "justiçoso": de acordo com o dicionário eletrônico Houaiss, é um adjetivo que data do século XIV e significa “partidário de uma justiça rigorosa; justiceiro”.

9 - "contemda": segundo o dicionário eletrônico Houaiss, o substantivo data do século XIII. Neste contexto, significa "rixa" ou "discórdia".

10 - "ouue": terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo do verbo “haver” utilizado, no texto, com o sentido de “ter” (posse). É um verbo transitivo direto.

11 - "iffante": Corominas e Pascual, em seu *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico* (1984), indicam que a palavra designava, em princípio, o status de um rapaz nobre, mesmo que fosse cavaleiro e casado, até obter heranças de seu pai. No que se refere às condições régias, significa filho do rei que ainda não é herdeiro da coroa. A forma deste item lexical é usada, no excerto em análise, como substantivo comum de dois gêneros, visto que se aplica também à filha de Afonso III dona Branca.

12 - "dom Dinis": Dom Dinis I (1261-1325), rei de Portugal entre 1279 e 1325. Dentre as inúmeras informações acerca desse monarca, destaquemos que foi produtivo trovador em galego-português, promotor de uma política cultural no campo da literatura e da historiografia. Fundou a Universidade em 1290. Autor de um cancioneiro com 137 cantigas. Destacamos que Dom Dinis é pai do autor desses Livros de Linhagem. Cf. GONÇALVES *apud* TAVANI, 1993: 206-212.

13 - "dom Affomssso": trata-se de Afonso de Portugal (1263-1312), Senhor de Portalegre, quarto filho de Afonso III e que não chegou a ser monarca. O pai doa-lhe alguns castelos e vilas. Afonso de Portugal torna-se assim Senhor de Portalegre, Castelo de Vide, Arronches, Marvão e Lourinhã.

14 - "dona Bramca": trata-se de Branca de Portugal (1259-1321), filha mais velha do rei Afonso III e de Beatriz de Castela. Branca de Portugal professou como freira no Mosteiro de Las Huegas, em Burgos, no sul da Espanha.

15 - "Olgas de Burgos": trata-se do Mosteiro de *Las Huelgas*, que fica em Burgos, no sul da Espanha. O mosteiro cisterciense foi fundado em 1187 e tratou-se do mosteiro feminino mais importante de Castela.

16 - "era de mill CCCXVII annos": no período de 1317. Tratar-se-ia do ano de morte de Afonso III, mas a data está incorreta. Ele falece em 1279. A edição crítica de José Mattoso mantém, sem esclarecimentos, o numeral em romanos.

17 - "soterraromno": segundo o dicionário eletrônico Houaiss, o verbo “soterrar” data do século XIII. Dentre algumas acepções, significa “cobrir-se de terra”. Parece que,





a partir desse sentido primordial, Pedro Afonso de Barcelos reconfigura seu significado para o campo semântico das ações fúnebres. O conde, portanto, utiliza-se como sinônimo de “sepultamento”.

18 - "Alcobaça": Alcobaça trata-se de uma fundação municipal cisterciense feita pelo abade Bernardo de Claraval (1090-1153) entre 1148 e 1152. Nas palavras do estudioso, "(...) Alcobaça ocupa lugar de referência fundamental na cultura literária portuguesa" (NASCIMENTO *apud* TAVANI, 1993: 32). Os abades de Alcobaça eram proeminentes participantes do poder político e estavam atualizados quanto aos movimentos culturais europeus. Na segunda metade do século XIII é aberta em Alcobaça uma escola. Desde o final do século XIII seus eclesiásticos peticionam ao papa uma reserva de rendimentos para formação dos docentes da Universidade de Lisboa. Ainda nas palavras do estudioso, Alcobaça tinha prestígio junto à corte e influenciava os demais mosteiros cistercienses portugueses. Foi o lugar onde, de acordo com o trecho, enterraram Afonso III.

Considerações finais

A análise textual e linguístico-gramatical acima permite-nos observar, por amostragem, que o *Terceiro Livro de Linhagens* do Conde Pedro Afonso de Barcelos é um investimento historiográfico primordial.

Valendo-se das formas linguísticas disponíveis e em uso na primeira metade do século XIV, este nobre português, com formação nas cortes castelhanas, dedica-se a escrever, mapeando, sobre membros da sua família (mescla da dinastia de Borgonha com membros do reinado de Castela).

Barcelos não se furta a dar detalhes circunstanciais de alguns parentes e este aspecto fica claro com o uso de adjetivos, orações adjetivas, apostos, locativos; assim como as ações das figuras históricas ficam claras por meio de predominância de termos coordenados.

É um testemunho de Portugal Medieval que, como demonstramos, serve não somente para dar um panorama do estado inicial da Língua Portuguesa (fase arcaica), como apresenta função sociocomunicativa relevante para o grupo social em que pertence o seu autor.





Referências bibliográficas

- BARCELOS, Conde Pedro de. Terceiro Livro de Linhagens. In.: HERCULANO, Alexandre (org.). **Portugaliae Monumenta Historica: a saeculo octavo post christum usque ad quintumdecimum**. Volumen I, Fasciculus II. Lisboa: Tipografia Acadêmica, 1840.
- BARCELOS, Conde Pedro de. **Livro de Linhagens**. Ed. Crítica. José Mattoso. In.: Portugaliae Monumenta Histórica – Nova Série, II/1-2. Lisboa: Acadêmica de Ciências, 1980.
- DIAS, Ainda Fernanda. **História Crítica da Literatura Portuguesa: Idade Média**. Lisboa: Editorial Verbo, 1998, 1v.
- COROMINAS, Joan, PASCUAL, José. **Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico**. Madrid: Editorial Gredos, 1984, 6v.
- HENRIQUES, Claudio Cezar. **Geo-História do Português: Estudos sobre a história e a geografia do português na perspectiva brasileira**. Rio de Janeiro: Gramma, 2019.
- HRICSINA, Jan. Evolução do sistema vocálico do Latim Clássico ao Português Moderno (tentativa da verificação in corpora). In.: **Études romanes de Brno**, Brno, v. 34, n.2, pp. 205-225, 2013. Disponível em: <https://digilib.phil.muni.cz/handle/11222.digilib/127331>. Acesso em 16 jun 2021.
- LOPES, Óscar, SARAIVA, António José. **História da Literatura Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 1996.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico: morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2001.
- MATTOSO, José. Introdução. In.: **Narrativa dos livros de linhagens**. Lisboa: IN-CM, 1983, pp.9-14.
- MENENDEZ PIDAL, Diego Catalán. **De Alfonso X al Conde de Barcelos**. Madrid: Editorial Gredos, 1962.
- MORENO, Humberto Baquero. **História de Portugal Medieval: político e institucional**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- OLIVEIRA MARQUES, António Henrique de. **Portugal na crise dos séculos XIV e XV**. Lisboa: Editorial Presença, 1987.
- SAID ALI, Manuel. **Gramática História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal**. Sintra: Publicações Europa-América, 2001.





SILVA, José Pereira da. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: O Autor, 2010.

SPINA, Segismundo (org.). **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

TAVANI, Giuseppe, LANCIANI, Giulia (org.). **Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1993.

